

## Dom Marcelo Pinto Carvalheira e o seu modelo de formação sacerdotal à luz do Concílio Vaticano II

*Bishop Marcelo Pinto Carvalheira and his model of priestly formation in the light of the Second Vatican Council*

Sérgio Sezino Douets Vasconcelos  
Universidade Católica de Pernambuco - Unicap, Brasil

Marcelo Marques Santana Júnior

### Resumo

Dom Marcelo Carvalheira foi um dos principais agentes da recepção do Concílio Vaticano II na história da Igreja do Regional Nordeste II. Este artigo quer apresentar, em linhas gerais, alguns dados de sua biografia e reconhecida experiência espiritual que poderão contribuir para a compreensão dos pressupostos da sua visão sobre a formação sacerdotal para, a partir daí, apresentar alguns elementos da sua concepção e tentativa de concretização, no Seminário Regional Nordeste II, de um novo modelo de formação sacerdotal a partir das intuições do Concílio Vaticano II.

### Abstract

Dom Marcelo Carvalheira was one of the main agents of the reception of the Second Vatican Council in the history of the Church of the Regional Northeast 2. This article aims to present, in general lines, some data of his biography and recognized spiritual experience that can contribute to the understanding of the assumptions of his view on priestly formation and, from that point on, present some elements of his conception and attempt to concretize, in the Northeast Regional Seminar 2, a new model of priestly formation based on the intuitions of the Second Vatican Council.

### Palavras-chave

Marcelo Carvalheira.  
Vaticano II.  
Formação presbiteral.  
Regional Nordeste II.  
Arquidiocese de Olinda e Recife.

### Keywords

Marcelo Carvalheira.  
Vatican II.  
Presbyteral formation.  
Regional Northeast II.  
Archdiocese of Olinda and Recife.

## Introdução

Nascido no primeiro dia de maio de 1928, Marcelo Pinto Carvalheira<sup>1</sup> faleceu em 25 de março de 2017. Natural da cidade do Recife, Pernambuco. Filho do comerciante de açúcar Álvaro Pinto Carvalheira e da dona de casa Maria Theresa Mendonça Carvalheira. Seu pai, entre duas núpcias, somou dezesseis filhos, quatorze com sua mãe; Marcelo, o terceiro em ordem de nascimento (CARVALHEIRA, 1996, p. 19).

A mãe de Marcelo, D. Maria Teresa, como era muito natural entre as famílias daquele período, alimentava o desejo de ver o filho tornar-se padre. Eis que um dia “com uns cinco anos, uma amiga da família, pertencente à Ação Católica, no Recife, indagava se nenhum dos seus filhos gostaria de seguir a vida sacerdotal. Ao ouvir isso ele responderia que sua mãe teria a felicidade de vê-lo presbítero” (NUNES, 2001).

Outra influência muito forte na escolha do sacerdócio por Marcelo teve origem em dois irmãos de sua mãe que eram padres, Pe. José Carvalho de Mendonça e Pe. Luiz Gonzaga Carvalho de Mendonça. Os irmãos padres faziam parte da Congregação dos Salesianos de Dom Bosco. Marcelo tinha uma afeição muito grande pelo tio Pe. José. Essa afeição advinha do fato de ser ele um bom conselheiro e, ao mesmo tempo, um “bom entendedor” das realidades pelas quais Marcelo e as demais crianças e jovens passavam.

Nesse convívio familiar, de grande religiosidade, o jovem Marcelo crescia. E como todo jovem começava a projetar o seu futuro de acordo com suas inclinações. Uma das opções que começava a desabrochar era a da vida monástica. Orientado pelos ensinamentos de São Bento, Marcelo buscou construir uma espiritualidade em que a união da mística com a evangelização o levasse ao cerne social da mensagem do Evangelho. Contudo, essa inclinação

---

<sup>1</sup> Quatro serão as formas adotadas para intitular Dom Marcelo Carvalheira ao longo deste artigo: quando ele for citado simplesmente pelo nome, sem nenhuma referência a títulos religiosos, estar-se-á referindo-se ao período antes de sua ordenação presbiteral. Quando ele for citado por Pe. Marcelo estar-se-á referindo ao seu período como padre, entre 1953 e 1975. Quando ele for citado como Mons. Marcelo, a atenção cairá sobre situações pontuais de sua vida de padre em que a referência ao título de honra se faz necessária. Entretanto, ao se apontar a pessoa de Marcelo Carvalheira, independentemente o período de sua história, ele será sempre citado como Dom Marcelo Carvalheira.

não o realizaria se ele a encerrasse nas paredes de um mosteiro, pois a mística, “ao que lhe parecia”, não se limita a uma vida de solidão sem comprometimento direto com o anúncio do Reino na sociedade.

Entretanto, Marcelo tinha que se encontrar para completar o seu ideal de fazer de sua vida uma expressão do seu espírito que está na experiência de anunciar o Evangelho. E isso aconteceu quando viu na vocação diocesana a possibilidade de realizar-se. Evangelizar era para ele uma meta tão forte que, depois, se traduziria em seu lema de episcopado.

No final dos anos de 1930, o menino Marcelo já manifestava o desejo de ingressar no seminário. Contudo, seus pais o achavam muito novo para assumir tal responsabilidade e, além disso, ele ainda cursava o Ginásial. Para fazê-lo mudar de ideia, seus pais conversaram com o Pe. Costa Pinto<sup>2</sup>, amigo da família. Entretanto, tal atitude foi em vão porque Marcelo convenceu o Pe. Costa Pinto sobre o seu ideal.

Numa conversa com o Sr. Álvaro Carvalheira e a Sra. Maria Teresa, o Pe. Costa Pinto os convenceu de que o lugar de Marcelo seria o seminário e que o tempo para isso poderia ser imediato. Assim, em poucos dias, Marcelo estava ingressando no Seminário Arquiepiscopal de Olinda e Recife - Seminário Maior Nossa Senhora da Graça (NUNES, 2001, p. 1).

## O tempo de formação

Marcelo ingressou no Seminário de Olinda, em um período forte e rico para a história da Igreja Católica na Modernidade, pois, nesse período, surgiram muitos movimentos de renovação eclesial como a Ação Católica<sup>3</sup>; no campo teológico, surgiram vários pensadores que procuravam dar respostas à sociedade moderna que se julgava separada da Igreja Católica Romana por suas atitudes “antiquadas”; também estava em um forte momento o “Movimento

---

<sup>2</sup> Pe. Moacyr da Costa Pinto (1915-2013), foi um clérigo da Arquidiocese de Olinda e Recife. Durante toda sua vida sacerdotal, foi capelão do Colégio Damas, na zona norte do Recife. Esse encargo lhe fez muito conhecido entre as famílias daquela região. Sua postura, sempre lhe impôs respeito da sociedade pernambucana. Foi também reitor do Seminário de Olinda, professor e vigário geral da referida Arquidiocese.

<sup>3</sup> A Ação Católica foi um movimento surgido na Igreja Católica que tinha como objetivo uma maior atuação dos diversos seguimentos do catolicismo na sociedade civil.

Litúrgico<sup>4</sup>” que, juntamente com o “Movimento de volta às fontes”, influenciaram profundamente o pensamento do jovem seminarista, bem como outros “movimentos”.

A formação seminarística recebida pelo então jovem Marcelo Carvalheira se deu, sobretudo, em duas etapas: a primeira no Seminário de Olinda, onde cursou o Seminário Menor, ou seja, o curso ginasial, a segunda residindo no Colégio Internacional Pio Brasileiro, em Roma, sendo seus estudos de Filosofia e Teologia realizados na Universidade Gregoriana, na mesma cidade.

Antes do Concílio de Trento, grande parte do clero encontrava-se em situação deplorável nos campos intelectual, moral e espiritual, ensejando que, naquele Concílio, a sua reforma fosse colocada como tarefa imprescindível. Entretanto, mais eficaz do que promover reformas era proporcionar, desde cedo, aos futuros clérigos uma formação que lhes fosse plasmando segundo as exigências da Igreja Reformada. Do clero, passou-se a esperar profunda disciplina moral, sólida vivência espiritual e conveniente formação intelectual. O Concílio de Trento determinou os elementos curriculares básicos, prescreveu sobre as práticas espirituais a serem vivenciadas, delegou poderes aos bispos sobre os seminários, inclusive o da eliminação de candidatos indignos, e determinou as linhas gerais do comportamento que deveria ser assumido pelo clero (CABRAL, 2008, p. 78).

Trento voltou seu olhar, sobretudo, para uma grande renovação do modelo sacerdotal, antes formado sem parâmetros disciplinares ou normativos. Havia um consenso de que o cisma dado a partir de Martinho Lutero era expressão de uma grande crise no clero e, por isso, essa foi uma das grandes preocupações do Concílio: gerar uma nova estrutura em torno dos sacerdotes a fim de promover mais unidade e, assim, proteger a instituição. A maior de todas as obras nesse campo foi a instituição dos seminários, a partir do decreto *Cum Adolentium Aetas*. Os candidatos ao sacerdócio não podiam mais ser formados individualmente, nas casas dos padres, por exemplo, ou nos palácios. Surgiria em cada diocese, uma casa, organizada pelo bispo, onde se daria toda a

---

<sup>4</sup> O final do século XIX e a primeira metade do século XX, foram marcados, na Igreja Católica, por um forte movimento que pedia a revisão da forma celebrativa no catolicismo. Esse movimento culminou na promulgação da Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia, em 04 de dezembro de 1963.

normativa, parâmetros e bases para o exercício do sacerdócio. Mesmo sendo o referido decreto de 15 de julho de 1563, a novidade do seminário só chegou a países como o Brasil, mais de dois séculos depois e, em Pernambuco, 237 anos após, com o bispo Azeredo Coutinho<sup>5</sup>.

Em 1941, o menino Marcelo Carvalheira, encontrou o Seminário de Olinda com centenas de estudantes, em média 170 por ano, somando os seminaristas menores e maiores<sup>6</sup>.

Duas coisas que mais me fazem recordar de Marcelo era a sua seriedade e piedade. Era sempre um menino muito sério. Cumpridor de seus deveres. Não se envolvia nunca em problemas. E possuía uma capacidade de concentração muito grande. Quando ele estava na capela, eu logo percebia algo diferente. Forte. Muitos não entendiam, mas só depois eu pude dizer: aquilo que eu percebia era verdade (ROCHA, 2015).

Desde a infância, a vida espiritual de Marcelo era acentuada por pequenos gestos que o acompanhavam. A forma de rezar, os gestos e a participação na Missa são sempre características apontadas por quem o observava. Como afirma Zeferino Rocha:

Quando ele ia para a fila da comunhão, chamava a atenção de todo mundo. A forma como se comportava, [o entrevistado repete visualmente a imagem, com mãos postas, olhos entreabertos] me admirava. Havia uma fé muito grande. Outros às vezes, nem entendiam, brincavam [risos], mas eu sabia que havia algo profundo. Ele nunca se alterou com isso, continuava da mesma maneira. Era muito significativo em uma criança (ROCHA, 2015).

---

<sup>5</sup> Dom José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho, nasceu em Campos dos Goytacazes em 8 de novembro de 1742. Importante canonista da Igreja de seu tempo, foi bispo de Olinda de 1794 a 1802. Em Olinda, obteve muita expressão pela luta em favor dos direitos da Igreja frente à Coroa e especialmente é lembrado por fundar, em 1800, no antigo Colégio Jesuíta de Olinda, o Seminário Arquidiocesano Nossa Senhora da Graça.

<sup>6</sup> O seminário acolhia rapazes desde a infância, nas diversas etapas da vida acadêmica. Assim, havia dois tipos de formação: o chamado seminário menor era para aqueles candidatos que ainda não haviam terminado a formação secundária, básica (o que hoje seria correspondente aos ensinos fundamental e médio). Já o seminário maior era uma etapa para aqueles que já haviam concluído os estudos secundários e então cursavam filosofia e depois teologia, cursos básicos para a formação sacerdotal (que hoje possui níveis universitários). Evidentemente, os seminaristas menores, para chegar ao sacerdócio, concluída essa etapa de formação, eram enviados ao seminário maior. Esses dois, ordinariamente, deveriam, assim, funcionar em casas diferentes, exceção ocorrida em Olinda, em alguns períodos, dentre os quais a década de 1940.

Dona Maria José Pinto Carvalheira de Moupeau, irmã de Dom Marcelo, em conversa, ao relatar as lembranças a respeito de sua infância em família, recorda características fortes que acompanhavam o jovem Marcelo:

Todos os dias, nós rezávamos o terço<sup>7</sup> com nossa vó e Marcelo participava sempre muito compenetrado, a ponto de se zangar quando os meninos<sup>8</sup> ficavam brincando enquanto vozinha rezava. Além disso, ele tinha livros com os quais se retirava várias vezes no dia para rezar (CARVALHEIRA, 2015).

Ao concluir os seus estudos secundários, em 1946, Marcelo já apresentava características bastante fortes de sua vocação e desempenho intelectual, por isso, foi enviado a Roma para cursar o ensino superior de filosofia e teologia.

Em Roma, Marcelo residia no Colégio Pio Brasileiro, reaberto um ano depois da segunda grande guerra, e estudava na Universidade Gregoriana. Ali, tudo que se percebia já na infância, aflorou com muito mais propriedade. Seu gosto pelos estudos lhe garantiu sempre destaque entre os amigos de diversas dioceses do Brasil.

Não foram anos fáceis, a Europa pós-guerra estava muito sofrida. Além disso, a distância do Brasil, os preconceitos sofridos por parte de alguns amigos de estados mais desenvolvidos, sobretudo os do Sul, como notou em sua entrevista, Zeferino Rocha (2015).

Contudo, não foram as dores e dificuldades que impediram que a vida espiritual do jovem encontrasse seus alicerces mais fortes. O silêncio das catacumbas romanas e o encontro com a história dos primeiros cristãos o faziam solidificar uma mística muito profunda.

Em Roma, Marcelo e eu nos tornamos grandes amigos. E aquelas intuições que eu trazia do seminário menor foram então comprovadas. Nós já éramos mais velhos, adultos. Gostávamos muito de estudar, escrever. E Marcelo, como sempre, muito inteligente e muito profundo em sua vida espiritual. Foram ali sete anos. Eu retornei em 1952 e ele em 1953, após a ordenação (ROCHA, 2015).

---

<sup>7</sup> Oração dedicada a Nossa Senhora, muito presente na devoção popular das famílias.

<sup>8</sup> Entenda-se os outros irmãos.

Ao término do curso de Teologia foi ordenado presbítero em Roma, no dia 28 de fevereiro de 1953, juntamente com outros 80 jovens, pela imposição das mãos e oração consecratória do Cardeal Caetani<sup>9</sup>. Já no presbiterado, resolveu adotar o lema que o acompanharia por toda vida e que é a expressão de seu ideal: “Evangelizar”. Nas catacumbas romanas também celebrou sua primeira missa, sob o silencioso testemunho daqueles que morreram pelo Evangelho.

### A vida como sacerdote na Arquidiocese de Olinda e Recife

As aptidões para os estudos, a vida espiritual e a postura moral fizeram com que o Pe. Marcelo exercesse seu ministério presbiteral quase que integralmente ligado à formação dos novos presbíteros. Assim que foi ordenado, foi logo convocado pelo Arcebispo, Dom Antônio de Almeida Moraes Júnior<sup>10</sup>, para integrar a equipe de formação do seminário menor, como diretor espiritual, tendo como reitor, o Pe. Zeferino Rocha<sup>11</sup>.

Os primeiros anos no trabalho de formação foram muito ricos e muito desafiadores. A Igreja vivia tempo de efervescências. Manter o equilíbrio entre avanços e fidelidade era um grande desafio para o clero da época, sobretudo para aqueles que estavam à frente da formação dos novos presbíteros.

---

<sup>9</sup> Não consta em nenhuma referência dados bibliográficos a respeito do referido cardeal ordenante. Era um costume, entre os colégios internacionais situados em Roma, que, uma vez ao ano, se convidasse um bispo ou cardeal que trabalhasse na cúria romana ou estivesse de passagem em Roma para conceder as ordenações aos candidatos que estivessem preparados naquele ano. Assim, é de se concluir, que o Cardeal Caetani não tinha nenhuma ligação afetiva com o seminarista Marcelo Carvalheira, mas fora simplesmente convidado para conferir-lhe, juntamente com outros, a Sagrada Ordenação.

<sup>10</sup> Dom Antônio de Almeida Moraes Júnior foi o quarto arcebispo de Olinda e Recife. Mineiro, de Sapucaí-Mirim, nascido em 26 de junho de 1904, foi nomeado bispo para Montes Claros em 1949 e, em 1952, transferido para Olinda e Recife onde permaneceu por oito anos. Conhecido por ser um grande orador, foi muito envolvido nas causas sociais de seu tempo, além de muito respeitado no meio intelectual.

<sup>11</sup> Zeferino de Jesus Barbosa Rocha, pernambucano, nascido em 26 de agosto 1928, foi seminarista e, posteriormente padre da Arquidiocese de Olinda e Recife. Conviveu com Marcelo Carvalheira, ainda no seminário menor de Olinda, bem como no Colégio Internacional Pio Brasileiro, em Roma, onde fez seus estudos de filosofia e teologia, e mestrado em ambas as disciplinas. Na década de 1960, deixou o ministério sacerdotal, fez doutorado em Paris e, de volta ao Recife, seguiu a carreira docente.

Inserida num mundo de descobertas e conquistas, a Igreja, já nas primeiras décadas do século XX<sup>12</sup>, percebe que há uma necessidade urgente de renovação. É necessário, segundo a maioria dos movimentos nascentes, repensar-se. Repensar as estruturas! E fazer isso de dentro para fora, no intuito de que quem esteja fora consiga enxergar melhor quem está dentro. Surgem então, as primeiras aspirações que resultariam no Concílio Vaticano II.

Sem dúvida alguma, o Concílio Vaticano II foi o maior evento eclesial, não de um século, mas, de uma era. Desde o anúncio, passando pelos preparativos, até o desfecho, nunca se havia visto nem pensado um acontecimento daquelas proporções para uma instituição como a Igreja.

O próprio Papa João XXIII, cercado de críticas e diante da perplexidade do Concílio, se surpreendia diante do acontecimento eclesial. Em seu leito de morte, o Papa Bom<sup>13</sup> disse ao Mons. Cappovilla: “Nenhum medo. O Senhor está presente. Um novo tempo começou”<sup>14</sup>.

Um Novo tempo! Era exatamente isso que a Igreja abria com o Concílio. A Igreja gera uma consciência acerca da necessidade de iniciar uma nova fase de sua vida em que ela se colocasse a par com o tempo, com a sociedade que a circundava. Uma palavra caracterizou a proposta do Papa Bom: “*aggiornamento*”. “Colocar-se em dia”, “atualizar-se”. Era isso o necessário! A Igreja precisava inserir-se no tempo, seja, como alguns pensavam, sendo ousada, jogando-se na busca do novo, seja como outros pensavam, perdendo a segurança de suas trincheiras que a colocaram de pé durante tanto tempo.

Esse contexto eclesial refletia claramente no estilo de formação, nas discussões acadêmicas, no comportamento e no modo de ser dos seminários. A ânsia dos formandos e o equilíbrio dos formadores precisavam travar uma batalha sadia na busca da construção de um presbitério capaz de enxergar o seu tempo e à frente dele. Obviamente, tudo isso era tomado pelo jovem Pe.

---

<sup>12</sup> Já na Encíclica *Rerum Novarum*, que data do final do século XIX (1891), o papa Leão XIII expressa preocupação com tão grandes modificações.

<sup>13</sup> O Estilo e Abertura do Papa João XXIII logo conquistaram a massa católica, o que o fez receber o Título popular de “Papa Bom”!

<sup>14</sup> O Mons. Cappovilla transmite essa mensagem a Dom Helder Câmara em carta datada de 26 ou 27 de setembro de 1964. Cf. em CÂMARA, D. Helder. *Circulares Conciliares*: de 12 de setembro a 22/23 de setembro de 1964. Org.: Luiz Carlos Marques e Roberto de Araújo Faria. Recife. Cepe. 2009. Vol. 1 T. II. p. 63.

Marcelo a partir de suas intuições espirituais e de uma seriedade com a missão confiada que lhe fazia encarar os desafios como Missão dada pelo próprio Deus.

Para se ter clareza das motivações e impulsos da vida do padre Marcelo Carvalheira, é preciso compreender que um dos conceitos mais claros e profundos no cristianismo é o da caridade enquanto promoção do outro (BENTO XVI, 2005, n. 17-18).

## Marcelo Carvalheira: sua atuação na formação presbiteral do Nordeste II

Nesse sentido, o Pe. Marcelo Carvalheira teve uma atuação importantíssima para o seu tempo, através da formação dos futuros presbíteros da Igreja Católica. Motivado pelas grandes mudanças de seu tempo, seja no âmbito eclesial ou seja civil, teve a preocupação de formar sacerdotes cultos e sensíveis para o trabalho pastoral, a fim de que com clara percepção da realidade, sensibilizar-se e promover o povo carente, não apenas com o acesso ao mais imediato, mas com uma promoção humana, capaz de transformar as situações e promover integralmente a pessoa.

Em 1957, o então arcebispo de Olinda e Recife, Dom Antônio de Almeida Moraes Júnior, transferiu os alunos do Seminário de Olinda para um novo prédio, situado no bairro da Várzea, onde, por três anos, funcionou o Seminário Arquidiocesano Imaculada Conceição. Essa atitude causou um certo desconforto no clero e no povo de Olinda, por sentirem desprezados o valor histórico e cultural do antigo casarão da colina da Sé.

Em 1960, resolve então o arcebispo devolver à Escola de Heróis<sup>15</sup> a sua mais nobre função: voltar a formar os futuros sacerdotes da Igreja Olindo-recifense. É então nomeado o Cônego Miguel Cavalcanti<sup>16</sup> como reitor e o Pe. Marcelo Carvalheira, até então diretor espiritual, assume a função de vice-reitor.

---

<sup>15</sup> Escola de Heróis é um nobre título dado ao Seminário Arquidiocesano de Olinda, pelo cônego José do Carmo Baratta, em reconhecimento à bravura e grandeza de muitos daqueles que ali foram formados e que influenciaram grandes acontecimentos em nível local e nacional, como a Revolução Pernambucana de 1817 (BARATTA, 1972, p. 54).

<sup>16</sup> Padre do Clero de Olinda e Recife, renomado pelo trabalho com a formação sacerdotal.

Algumas qualidades foram apontadas em entrevista pelo Pe. Almeri Bezerra para a escolha do Pe. Marcelo para integrar o novo corpo de formação do seminário: profunda espiritualidade, seriedade e liderança com a juventude (Cf. BEZERRA, 2015).

Dona Maria José Pinto Carvalheira, quando fala da grande expectativa da família para receber o seminarista ou padre Marcelo nas visitas de férias que fazia à família, também fala da seriedade com que ele levava sua rotina e participava das orações diárias da família, perdendo até a paciência quando os irmãos mais novos brincavam ou se distraíam durante o momento celebrativo (CARVALHEIRA, 2015).

A volta ao Seminário de Olinda marcava, também, o início da concretização de um projeto muito caro aos Bispos do Regional Nordeste II, da CNBB<sup>17</sup>, a partir das inspirações do Concílio Vaticano II: a criação de um seminário regional para o nordeste brasileiro que pudesse oferecer melhor estrutura de formação aos futuros padres, sobretudo, das dioceses mais distantes e desprovidas de recursos, tanto materiais quanto humanos. Era muito difícil, para dioceses tão pequenas, manter financeiramente uma estrutura como um seminário, e manter um quadro de professores com boa formação intelectual e disponibilidade. O Pe. Marcelo Carvalheira teria um papel fundamental na construção desse processo.

## Uma nova concepção de formação sacerdotal

Durante o VII Congresso Eucarístico Nacional, que se realizou de 05 a 08 de maio de 1960, na Cidade de Curitiba, o episcopado do Regional Nordeste II, em reunião à parte das atividades do congresso<sup>18</sup>, novamente optou por deixar o velho casarão de Olinda que não comportaria tantos estudantes e construir

---

<sup>17</sup> A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) é um órgão colegiado da Igreja do Brasil que organiza os bispos, dioceses, fiéis, a fim de uma maior eficácia na ação pastoral. Devido às grandes proporções do Brasil, para facilitar a articulação, a conferência se divide em regiões territoriais. No Nordeste Brasileiro há quatro. A segunda delas (Nordeste II), compreende os estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

<sup>18</sup> Devido às distâncias territoriais, não era tão fácil para os bispos, com as demandas de suas dioceses, fazerem reuniões com frequência sobre os temas comuns de governo. Assim, ainda hoje é prática, que sempre que há um evento eclesial de grande porte que reúne as lideranças de vários territórios, se separa um tempo para reuniões que toquem problemas comuns.

novas instalações para um novo seminário regional com capacidade para acolher 450 alunos. Para esse fim, foi montada uma comissão composta por Dom Carlos Coelho<sup>19</sup>, Dom Adelmo Machado<sup>20</sup>, Dom Manuel Pereira<sup>21</sup>, Pe. Luiz Gonzaga Fernandes<sup>22</sup> e Pe. Marcelo Carvalheira. O novo edifício seria construído no entorno do Recife, por se julgar que era a cidade da região com a melhor estrutura para acolher o projeto. A verba seria doada pela igreja dos Estados Unidos.

Uma nova direção foi composta para essa fase do seminário. O Pe. Marcelo Carvalheira, como reitor, o Padre Zildo Barbosa Rocha<sup>23</sup>, vice-reitor e

---

<sup>19</sup> Carlos Gouveia Coelho nasceu em 28 de dezembro de 1907 na Paraíba. Ingressou no seminário da Paraíba, e uma vez ordenado presbítero, foi designado secretário do bispado da Paraíba - que era ocupado por seu tio, Dom Moisés Sizenando Coelho, vigário cooperador e diretor do Colégio padre Rolim. Em seguida, foi catedrático do Seminário da Paraíba. Capelão do Colégio Pio X de João Pessoa e de N. Sra. de Lourdes e diretor do departamento de Educação da Paraíba. Foi também presidente da Comissão de Educação da CNBB, sócio e presidente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Em 1948, foi nomeado bispo da Diocese de Nazaré, de onde foi transferido para Niterói, em 1954, e, daí, para a Arquidiocese de Olinda e Recife, em 1960. Submetido a uma intervenção cirúrgica, não resistiu devido a complicações com a anestesia.

<sup>20</sup> Adelmo Cavalcanti Machado nasceu em 05 de março de 1905 em Penedo, Alagoas. Foi bispo coadjutor de Maceió, tendo direito à sucessão, que se deu em 1963. Foi um dos pioneiros no Brasil da implantação das decisões do Concílio Vaticano II. Incentivou a vinda de ordens religiosas para a Arquidiocese de Maceió, bem como a inserção delas nas obras de caridade, fundando escolas e orfanatos. Veio a falecer em 28 de novembro de 1983, vítima de espasmo cerebral, que o debilitava desde 1974.

<sup>21</sup> Dom Manoel nasceu em Pocinhos-PB, aos 12 de setembro de 1915. Filho de Libânio Pereira da Costa e Vicência Pereira da Costa. Estudou em Pocinhos, Seminário Metropolitano de João Pessoa, Seminário Metropolitano de São Paulo, Colégio Pio Brasileiro (Roma) e Universidade Gregoriana. Foi ordenado em Roma, a 23 de março de 1940. Professor de Filosofia e Teologia no Seminário de João Pessoa. Vice-Reitor, depois Reitor do Seminário. Iniciou a construção do novo Seminário de João Pessoa. No dia 31 de maio foi eleito Bispo Titular de Tino, Auxiliar de João Pessoa. A 15 de agosto de 1954 foi sagrado Bispo na Catedral Metropolitana. Em 20 de junho de 1959, foi transferido para diocese de Nazaré da Mata - PE. No dia 25 de agosto de 1962, foi transferido para a Diocese de Campina Grande, e no dia 30 de setembro de 1962 tomou posse como Bispo de Campina Grande. Nesse mesmo ano em 06 de outubro, partiu para Roma (Concílio Vaticano II). Dom Manoel faleceu aos 91 anos de idade, no dia 26 de julho de 2006, às 23 horas, vítima de falência múltipla de órgãos.

<sup>22</sup> Luiz Gonzaga Fernandes nasceu em 24 de agosto de 1926 na cidade de Marcelino Vieira, no Rio Grande do Norte. Entrou no seminário de Maceió e foi ordenado em 08 de dezembro de 1950. É nomeado bispo de Campina Grande e ordenado em 05 de dezembro de 1965. É conhecido pelo seu trabalho com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Faleceu em 04 de abril de 2003 em João Pessoa, Paraíba.

<sup>23</sup> Zildo Barbosa Rocha nasceu em Garanhuns, em 1935. Estudou no Seminário de Olinda. É licenciado em Filosofia e Teologia pela Universidade Gregoriana, em Roma, onde foi ordenado sacerdote em 1958. Exerceu o seu ministério sacerdotal até o final da década de 1970. Após esse período, dedicou-se à família e carreira docente. Aposentado em 1990, fez um ano sabático de atuação teológica na área da Eclesiologia e cristologia no Missionary Institut of London. Foi coordenador do Centro DOM HELDER CAMARA-CENDHEC. Atualmente, é presidente do Comitê da Cidadania do bairro de Casa Forte.

o Pe. Arnaldo Cabral<sup>24</sup>, diretor espiritual. Como afirma Rocha:

Na base do trabalho que seria empreendido no novo seminário se encontrava uma dupla intuição: uma de natureza pedagógica, outra de natureza propriamente religiosa. A intuição ou pressuposto pedagógico era a de que no processo educacional o educando era o sujeito ou o agente principal e o educador, apenas um agente do processo (ROCHA, 1959-1964).

Essa intuição citada nos escritos pessoais de Zildo Rocha, que exercia o ministério sacerdotal naquele período, mudaria completamente a forma de pensar a formação presbiteral naquela época. O estudante, como sujeito da ação formativa, era uma concepção inimaginável para a formação presbiteral. O próprio termo formação, em si mesmo já fala muito. Continua Zildo:

Decorre daí que a educação não é função ou prerrogativa da autoridade e sim um serviço. A tarefa do educador não é mandar, ou fazer observar um regulamento e sim, propor, apresentar, escondendo-se a razão de sua eficácia não no poder, ou na força, mas na capacidade de persuasão através do gesto, da atitude e da palavra coerente (ROCHA, 1959-1964).

A consciência caritativa do Pe. Marcelo foi fundamental nessa etapa da vida. O sentido mais profundo de sua consciência de Deus lhe apontava para a liberdade. E isso marcaria profundamente o seu conceito de formação. Era claro para ele que a postura do reitor do seminário, como aquela figura autoritária e inacessível, era maléfica para o futuro, tanto da Igreja Católica, como da sociedade. O padre formado na opressão se tornava insensível e, assim, incapaz de ser pastor.

Uma nova organização foi criada. Com uma participação ativa dos seminaristas na organização da casa e nas constituições disciplinares. Eram feitas reuniões periódicas para analisar as dificuldades da comunidade. Foram criadas as chamadas “equipes de vida”, formadas por números reduzidos de

---

<sup>24</sup> Nascido em 10 de novembro de 1918, Arnaldo Cabral entrou no seminário de Olinda muito jovem. Foi ordenado em 28 de novembro de 1943, com 25 anos, por Dom Miguel de Lima Valverde. De Dom Miguel foi secretário particular. Foi professor, diretor espiritual e vice-reitor do Seminário de Olinda. Em seguida, foi nomeado pároco da matriz do Sagrado Coração Eucarístico de Jesus, no bairro do Espinheiro, onde permaneceu 45 anos no ofício. Foi vigário geral da Arquidiocese de Olinda e Recife no governo de Dom Helder Câmara. Renunciou aos ofícios na Arquidiocese.

seminaristas, a fim de trabalhar uma maior aproximação. Dividiu-se o Seminário em setores e departamentos, para organizar e planejar as diversas atividades da casa, a fim de que os próprios alunos promovessem o bem da comunidade, como departamento de esportes, de liturgia, de estudos, dentre outras.

A nova organização do Seminário de Olinda, dividido em Comissões e Equipes, proporcionava aos seminaristas uma visão de hierarquia muito mais sadia e arejada. A equipe de direção do Seminário, composta pelos padres, era muito aberta às sugestões e opiniões dos estudantes. Daí um aprendizado fundamental para a vida pastoral dos futuros presbíteros: as lições da escuta atenciosa dos subordinados, da abertura à opinião do outro, da obediência tendo como fundamento não a autoridade ou a superioridade, mas o diálogo e a felicidade de todos.

No ano de 1961, foram criados seis Departamentos: Espiritualidade, Esportes, Cultura, Ordem, Pastoral e Relações Exteriores. Em 1962, foi acrescentado um novo Departamento: o de Finanças. Eram três os titulares dos diversos departamentos, um por cada ano, e escolhidos por voto direto da comunidade. Toda essa organização era discutida e decidida em assembleias gerais, realizadas no início de cada ano letivo, com a participação integral da comunidade e da direção da casa; bem como o desempenho dos diversos departamentos era avaliado em outras tantas assembleias periódicas (ROCHA, 1959-1964).

Tudo isso, aliado a uma aspiração religiosa já surgida nos novos movimentos da Igreja como a Ação Católica, da qual os padres que integravam a equipe de formadores eram membros ativos, de pensadores como Ricardo Lombardi<sup>25</sup> e das primeiras intuições daquilo que seria o Grande Concílio Vaticano II, convocado em 25 de dezembro no mesmo ano de 1961, pelo Papa João XXIII, através da bula “*Humanae Salutis*”. Muito se falava em ecumenismo, unidade, fraternidade, a partir de movimentos recém-surgidos como os Focolares<sup>26</sup>. Sonhava-se com uma abertura da Igreja em caráter de urgência.

---

<sup>25</sup> Pe. Ricardo Lombardi foi um jesuíta, fundador do “movimento por um mundo melhor” no início da década de 1960. Muito influente junto ao papa Pio XII, participou de várias seções do Concílio Vaticano II.

<sup>26</sup> O Movimento dos Focolares surgiu, em 1943, em meio à 2ª Guerra Mundial, sob as aspirações de uma jovem italiana chamada Chiara Lubich e busca, a partir do ecumenismo, levar o Evangelho a todas as pessoas, com a mensagem da unidade, da fraternidade e da paz.

Padres mais inseridos na realidade, capazes de julgar com serenidade os diversos acontecimentos sociais e aclará-los à luz do Evangelho.

O livro de Crônicas do Seminário de Olinda<sup>27</sup> relata uma mudança profunda nos hábitos da Casa e no comportamento dos seminaristas. O Pe. Marcelo tinha plena convicção de que a abertura dos futuros padres às diversas realidades os faria mais próximos do povo e mais sensíveis às diversas realidades do pastoreio.

Um paralelo percebido pelo Pe. Zildo, nos Livros de Crônicas do Seminário, aponta para a mudança de realidade: Ao passo que no ano de 1960 o lazer dos seminaristas era, por exemplo, passear pelas redondezas da Caixa d'água e Academia Santa Gertrudes (ambientes que estão distantes do seminário cerca de 150 metros e que, portanto, podiam ser avistados da porta da Casa Grande)<sup>28</sup>, em 1965, já se relata a participação dos seminaristas na “Noite da Bossa Nova” ou em apresentações musicais no Teatro de Santa Izabel (localizado no Centro histórico do Recife)<sup>29</sup>.

O Seminário ampliava também suas atividades culturais. Eram com frequência promovidos cursos especiais, extra-curriculares, sobre temas da atualidade: Marxismo, com o Prof. Newton Sucupira; Existencialismo, com o Pe. Zeferino Rocha; Cinema, com Lauro Oliveira e Jomar Muniz de Brito; Teatro, com Hermilo Borba Filho; Demografia, com Pe. Calderón Beltrão; Teillard de Chardin, com o Pe. Diomar Lopes; Método Paulo Freire, com Romeu Padilha; Temas Pastorais com Frei Barruel O.P. etc.

Visitantes ilustres visitavam o Seminário e eram convidados a falar aos alunos deixando-lhes uma mensagem. Estes puderam, assim, ouvir a palavra de, entre outros, Mons. Cardijn, fundador da J.O.C. (1961), Jacques Loew, fundador da Missão São Pedro e São Paulo (1962), Michel Quoist (1962), Padre Houtart (1962) Adolfo Van der Perrone, Reitor do Seminário para a América Latina de Louvain (1963), Ivan Illitch (1963), Mons. Colombo, teólogo do Papa (1964), Jean Daniélou e Yves Calvez (1964).

Como professores ou conferencistas eventuais marcaram sua presença no Seminário Regional destacados nomes da cultura local: Daniel Lima, Ariano Suassuna, Zeferino Rocha, Almeri Bezerra, Vamireh Chacon, Maria do Carmo Miranda, Luís

---

<sup>27</sup> É uma prática comum nas instituições religiosas, que haja um arquivo onde se registrem os principais acontecimentos referentes àquela instituição e seus convivas. Assim, uma valiosa fonte para a pesquisa sobre Dom Marcelo foi o livro de Crônicas do Seminário de Olinda, que atualmente, encontra-se no arquivo da Arquidiocese da Paraíba.

<sup>28</sup> Livro de Crônicas, 1960. p. 91.

<sup>29</sup> Livro de Crônicas, 1965. p. 21 e 24.

Gonzaga Sena, Jaime Diniz, Hermilo Borba Filho (ROCHA, 1959-1964).

A vida de um padre, na consciência do Pe. Marcelo, exigia competência. Não é que o padre se capacitaria para viver uma vida paralela à da Igreja, com outras competências que não toquem a sua vida ministerial, é que ele precisava ser presença evangelizadora nas diversas realidades sociais. Ser uma presença inteligente, aberta, capaz de dialogar e assim, convencer. Não pela imposição, mas, pela clara defesa da verdade. Como ele mesmo afirma:

O padre hoje precisa conquistar, pelo seu conteúdo pessoal, o seu papel dentro da sociedade. Pelo seu valor autêntico, ele deverá tornar-se acreditado e estimado. Não é, pois, sem razão que o Concílio recomenda aos padres que cultivem aquelas qualidades “que gozam de merecida estima na convivência humana”, porquanto sem elas dificilmente poderão cumprir sua missão de pastor, mormente para com aqueles que estão distantes da fé (CARVALHEIRA, 1966, p. 550).

Outro tema de grande relevância para a compreensão da formação presbiteral do Pe. Marcelo Carvalheira era a atuação pastoral. Além das palestras e rodas de discussão, a partir de 1965, os seminaristas, aos finais de semana, deixaram os muros do casarão de Olinda e passaram a colaborar nas paróquias. Inicialmente, com o advento do Concílio Vaticano II, colaborando para a implantação das novas normas litúrgicas e para que os leigos tivessem uma melhor compreensão da missa em suas diversas partes, depois na implantação das diversas pastorais que iam surgindo, no acompanhamento dos grupos e, sobretudo, na animação da juventude, como conta o Pe. José Augusto Rodrigues Esteves, formando do Pe. Marcelo:

Às sextas-feiras nós íamos cada um a uma comunidade. A maioria no entorno de Olinda. Eu ficava no Amparo. Ali a gente ajudava os padres, animava a juventude, visitava as famílias e o grande intuito era que a gente fosse participando da vida do povo e da paróquia. Muitos já se ordenavam ali e permaneciam, tamanha era a intimidade que já se tinha criado (RODRIGUES, 2014)

A pastoral proporcionava para os seminaristas um confronto com a realidade em suas diversas esferas. Tirava-os do isolamento protecionista da grande casa para fazê-los confrontar-se com o que pensava e fazia a sociedade.

Os seminaristas podiam sentir as diversas tendências que iam surgindo na sociedade, tinham aproximação com os jovens da mesma idade. Muitas vezes, esse choque era duro, pois exigia adaptação e capacidade de diálogo, mas extremamente necessário e enriquecedor.

É inconcebível, na mentalidade criada pelo Decreto *Presbiterorum Ordinis* a atitude estreita do padre que se fecha a áreas diversas da sua, mesmo dentro da Igreja Católica. Do padre inimigo do protestante, do sermão eminentemente apologeta, no estilo polêmico, a combater e denegrir as denominações cristãs separadas e seitas acatólicas. Do padre auto-suficiente e intolerante, com fórmulas preparadas para responder a toda sorte de proposições das mais diversas competências humanas (CARVALHEIRA, 1966, p. 541).

Outro campo forte de atuação pastoral era junto aos diversos grupos da sociedade. Havia seminaristas que faziam sua pastoral acompanhando, por exemplo, os agricultores, operários, domésticas, os desabrigados etc. Era uma forma valorosa, tanto de aprendizagem, quanto de mostrar a presença da Igreja nos diversos setores da vida civil, sobretudo, junto àqueles que não mereciam atenção dos poderes públicos. Aos vários seminaristas era dada, inclusive, permissão para trabalharem em meio às classes operárias para que se fizesse uma dupla experiência: a primeira de sentir as dores e sofrimentos do povo trabalhador, explorado injustamente. A segunda, de ser uma presença profética, evangelizadora em meio a eles.

Toda essa ação pastoral e humana recebia um acento muito especial da formação espiritual. O Pe. Marcelo Carvalheira dava uma dimensão muito clara ao crescimento espiritual dos formandos. Os pequenos grupos da casa rezavam atos de piedade a fim de fazer crescer afinidades no campo espiritual. Havia uma preocupação grande com a observância da liturgia, das horas canônicas da Liturgia das Horas<sup>30</sup>, ou simplesmente breviário, como era habitualmente chamado: prima e completas<sup>31</sup> nos dias de semana, e no Domingo, vésperas solenes, cantadas em Gregoriano.

---

<sup>30</sup> É uma modalidade de oração oficial na Igreja para Clérigos e religiosos. Hoje também extensiva aos leigos. Baseia-se em Salmos, cânticos e preces, além de outras leituras da Palavra de Deus e dos escritos dos santos.

<sup>31</sup> A primeira e a última oração das horas em um dia. No total são cinco orações diárias.

Diariamente, havia no Seminário, à noite, um ensaio de Cânticos Gregorianos, a ponto de se dizer jocosamente entre os alunos que o Seminário era uma extensão do Mosteiro de São Bento. Isso, na verdade, revelava um grande apreço do Pe. Marcelo pela vida monástica. Apreço esse que seria revelado de forma mais evidente, após a sua eleição ao episcopado.

É frequentemente relatado, tanto nos escritos do Livro de Crônicas, nas anotações pessoais do Pe. Zildo, quanto nos relatos verbais, a rotina de atos de piedade, como novenas, terços, adoração do Santíssimo Sacramento, retiros e palestras.

A participação em tais atos litúrgicos era livre de qualquer tipo de coação, causando grande mal-estar entre os alunos, já em 1961, a utilização feita pelo Departamento de Espiritualidade, de “estatísticas” sobre a participação dos alunos em atos comuns de piedade. A comunidade reagiu fortemente, através de jornais murais, a esse tipo de fiscalização implícita a que se apelidou de I.B.G.E. (ROCHA, 1959-1964)

No que toca à atuação prática da espiritualidade, um exercício novo, muito presente em movimentos como os Focolares e a Ação Católica foi introduzido no roteiro espiritual do Seminário: a chamada Revisão de Vida. Era um momento muito valioso, pois trazia para o seminarista a oportunidade de examinar a sua ligação com Deus através de suas atitudes cotidianas. Era um ressoar da máxima do Apóstolo Tiago: “Mas dirá alguém: tu tens a fé e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem obras e eu te mostrarei a minha fé pelas obras” (Tg 2,18).

## Considerações finais

A partir da visão e das decisões tomadas por Marcelo Carvalheira, enquanto responsável pela formação presbiteral na Arquidiocese de Olinda e Recife, pode-se concluir que, em coerência com as orientações do Concílio Vaticano II, ele foi capaz de “ler os sinais dos tempos”, percebendo, antecipadamente, os desafios impostos pela cultura contemporânea às novas lideranças religiosas da Igreja Católica. Marcelo Carvalheira percebeu a complexidade da cultura moderna, que exige da formação dos seus futuros líderes religiosos uma aguçada capacidade de dialogar com suas múltiplas

variantes. Para isso, a formação sacerdotal deveria possibilitar, aos formandos, a aquisição de competências e habilidades que os tornasse capazes de construir “pontes entre o cristianismo e a cultura contemporânea, pois, como afirmou o Papa Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi* (n. 20), “A ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época”.

Marcelo Carvalheira, como foi apresentado, além de uma profunda experiência espiritual, possuía uma invejável formação humanística e a consciência de que a Igreja deveria apresentar o Evangelho de tal forma que as pessoas percebessem a relevância antropológica dos enunciados da fé para a sua própria existência. Para tanto, era fundamental ter sacerdotes capazes de repropor a fé em diálogo com a complexa cultura contemporânea, superando uma “teologia de seminário”, autorreferenciada, desenvolvida em oposição aos desafios da sociedade moderna. Contrariando esse movimento, ele propõe uma formação que levaria os futuros sacerdotes ao diálogo, à luz da fé cristã, com as diferentes dimensões da cultura.

Havia uma preocupação constante de que os seminaristas não caminhassem nos extremos. Nem vivessem somente uma espiritualidade desencarnada, baseada simplesmente em exercícios espirituais vazios, nem que se vivesse uma pastoral como fim, sem uma base evangélica e espiritual. Era preciso valorizar tanto a abertura à cultura, palco do drama humano, quanto a maturidade espiritual.

Ele tinha muita clareza de quais eram as demandas da cultura e o que deveria ser, do ponto de vista teológico e espiritual, um padre diocesano nos tempos atuais e, por isso, se esforçava, ao máximo, para que os seminaristas fizessem, já nas etapas formativas, uma experiência transparente daquilo que os acompanharia por toda a vida, no exercício do ministério presbiteral. Tinha consciência de que espiritualidade e ação pastoral são duas faces de uma única moeda. Um bom padre diocesano não poderia se imiscuir do trabalho pastoral que exigia dele presença no meio do povo e sabedoria para guiar este mesmo povo nos caminhos do Senhor. Tinha consciência, e já antecipava o que é a compreensão atual, de que a formação sacerdotal deve ser integral, dando ferramentas para que o futuro sacerdote seja capaz de se tornar um “cura d’alma”, em um mundo cada vez mais complexo e líquido.

Marcelo Carvalheira já propunha, como demonstrado, mesmo antes da utilização do termo no debate teórico contemporâneo, uma formação interdisciplinar, capaz de favorecer vivências motivadoras de competências e habilidades para que os futuros sacerdotes fossem capazes de apresentar o cristianismo na cultura atual.

## Referências bibliográficas

BARATTA, José do Carmo. *Escola de heróis: o Colégio Nossa Senhora da Graça e o Seminário de Olinda*. Recife: Fundarpe, 1985.

BENTO XVI. *Carta encíclica Deus caritas est*. São Paulo: Paulinas, 2015.

BEZERRA, Almeri. *Entrevista*, 2015.

CABRAL, Newton D. de Andrade. *Onde está o povo, aí está a Igreja? História e memórias do Seminário Regional Nordeste II, do Instituto de Teologia do Recife e do Departamento de Pesquisa e Assessoria*. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches, 2008.

CAMARA, D. Helder. *Circulares Conciliares: de 12 de setembro a 22/23 de setembro de 1964*. Org.: Luiz Carlos Marques e Roberto de Araújo Faria. Recife. Cepe. 2009. Vol. 1 T. II. p. 63.

CARVALHEIRA, José Henrique. *A família Carvalheira em Pernambuco*. Recife: s/ed., 1996.

CARVALHEIRA, Marcelo. O tipo de padre que a Igreja espera após o Concílio Vaticano II. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 26, Petrópolis: Vozes, 1966.

CARVALHEIRA, Maria José. *Entrevista*, 2015.

NUNES, José. *Dom Marcelo: o bispo da solidariedade*. João Pessoa: Textoarte Editora, 2001.

ROCHA, Zeferino. *Entrevista*, 2015.

ROCHA, Zildo. *Anotações pessoais*, 1959-1964.

RODRIGUES, José Augusto Esteves. *Entrevista*, 2014.

Trabalho submetido em 25/06/2018.

Aceito em 02/06/2019.

Sérgio Sezino Douets Vasconcelos

Professor dos Programas de Pós-graduação em Ciências da Religião (mestrado e doutorado) e Teologia (mestrado) e coordenador do Curso de Teologia da Universidade Católica de Pernambuco - Unicap. E-mail: sergio.douets@unicap.br

Marcelo Marques Santana Júnior

Mestre em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: marcelomarquessjunior@hotmail.com